

As construções pseudoclivadas: perguntas e respostas

Maria do Pilar Pereira Barbosa
ILCH/CEHUM, Universidade do Minho

Abstract

This paper examines a number of syntactic differences between two subtypes of specificational pseudo-clefts in European Portuguese: pseudo-clefts featuring the order *wh* > XP (Type A, in the terminology of Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000)) and structures with the order XP > *wh* (Type B). The evidence discussed favors a bi-clausal analysis of Type A pseudo-clefts, thus supporting the view defended in Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000) according to which Type A pseudo-clefts are self-answered questions where the answer is an elided CP. Evidence against this kind of approach is examined and it is argued that the noted problems do not arise once it is assumed that the *wh*-clause is an echo question. In particular, the impossibility for the *wh*-clause to be a yes-no question would follow from the general lack of pure yes-no echo questions, as claimed in Artstein (2002). It is argued that the counterpart to a non-*wh* echo question in a pseudo-cleft in European Portuguese is the semi-pseudo-cleft.

1. Introdução

O foco deste trabalho é uma subclasse particular das construções de clivagem que envolvem um morfema-Q, as chamadas “pseudoclivadas especificativas”. Considere-se o seguinte exemplo:

(1) O que o Pedro não come é comida para o cão.

Este exemplo pode ser interpretado de duas formas, parafraseadas em (2a,b):

(2) a. A comida que o Pedro não come serve de comida para o cão.

b. O Pedro não come o seguinte: comida para o cão.

Na interpretação indicada em (2a) ‘comida para o cão’ designa uma propriedade do referente da expressão ‘O que o João não come’. Nesta interpretação, estamos face a uma construção pseudoclivada de tipo predicativo. Na interpretação expressa em (2b) ‘comida para o cão’ especifica (ou identifica) aquilo que o João não come. Nesta interpretação, dizemos que a pseudoclivada é especificativa.

As frases pseudoclivadas especificativas podem ser de dois tipos, consoante a ordem dos elementos que as compõem. Nas pseudoclivadas básicas ou de tipo A (na terminologia de Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000)), a oração-Q precede XP; nas pseudoclivadas

invertidas ou de tipo B, a ordem é a inversa:

(3) **Pseudoclivadas básicas (ou de Tipo A):** *Oração-Q* > *XP*

O que o Pedro estragou foi a telefonia.

(4) **Pseudoclivadas invertidas (ou de Tipo B):** *XP* > *Oração-Q*

a. A telefonia foi o que o Pedro estragou.

b. Foi a telefonia o que o Pedro estragou.

A maior parte dos autores que se debruçaram sobre este tipo de construções em português (Costa e Duarte, 2001; Lobo, 2005; Modesto, 2003) assume que estas envolvem uma oração pequena (*Small Clause*) formada pelo constituinte clivado e por uma oração-Q de tipo relativo, i.e., uma relativa livre¹. Costa e Duarte (2001) propõem uma análise unificada de todas as construções de clivagem enquanto estruturas identificacionais. *Ser* seleciona uma *Small Clause* (SC), sendo XP o predicado da SC e a oração relativa livre o seu sujeito. As diferentes ordens observadas dependem de qual destes constituintes é elevado a sujeito. A representação (5) corresponde à estrutura profunda dos exemplos (3) e (4a,b) segundo esta proposta:

(5) foi [_{SC} [_{DP} [∅] [_{CP} o que o Pedro estragou]] [_{DP} a telefonia]]

Lobo (2005), contudo, observa que há diferenças entre os dois subtipos de pseudo-clivada que colocam em causa a hipótese de uniformidade de tratamento defendida em Costa e Duarte (2001) (cf. também Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000)). Em primeiro lugar, as pseudoclivadas básicas apresentam efeitos de conectividade que estão ausentes nos restantes tipos de clivagem, como a legitimação de itens de polaridade negativa (exemplos originais de Lobo, 2005):

(6) *Pseudoclivada básica:*

O que ele não faz é coisa nenhuma.

(7) *Pseudoclivada invertida:*

a. *É coisa nenhuma o que ele não faz.

b. *Coisa nenhuma é o que ele não faz.

(8) *Clivada 'é que':*

*É coisa nenhuma que ele não faz.

Em segundo lugar, as pseudoclivadas básicas distinguem-se das pseudoclivadas

¹ Ambar (1997) propõe uma análise diferente.

invertidas pelo facto de permitirem que o constituinte clivado seja um SP (exemplos originais de Lobo, 2005)²:

(9) Com quem eu não brinco é com estes meninos.

(10)a. ??/* Com estes meninos é com quem eu não brinco.

b. Estes meninos é com quem eu não brinco.

Lobo propõe que a posição de base de cada um dos termos da estrutura identificacional não é a mesma em cada tipo de pseudoclivada: quando XP precede a oração-Q, XP é gerado na base como sujeito da SC e a oração-Q, como predicado; quando a oração-Q precede XP, XP é gerado como predicado e a oração-Q, como sujeito:

(11)a. A telefonia foi o que o Pedro estragou.

b. foi [SC [DP a telefonia] [DP [Ø] [CP o que o Pedro estragou]]]

(12)a. O que o Pedro estragou foi a telefonia.

b. foi [SC [DP [Ø] [CP o que o Pedro estragou]] [DP a telefonia]]

Esta análise tem a vantagem de captar as restrições à clivagem de constituintes preposicionados. É sabido que, em português, um PP não pode ser sujeito embora possa funcionar como predicado (cf. *As melhores festas são com amigos*). Assim, prevê-se que XP não possa ser um PP numa pseudoclivada invertida (cf. (10a)). Por outro lado, dado que uma oração relativa livre é sempre de natureza nominal (cf. Brito, 1988), nada a impede de funcionar como sujeito na pseudoclivada básica (cf. (9)).

A análise proposta por Lobo (2005), contudo, enfrenta três problemas. Em primeiro lugar, deixa por explicar os contrastes em (6-9). Os itens de polaridade negativa exigem c-comando por parte da negação na Sintaxe. Porém, em (6) a negação não c-comanda o predicado da SC. O segundo problema diz respeito a uma outra restrição evidenciada apenas nas pseudo-clivadas básicas: a necessidade de haver conformidade categorial entre XP e o constituinte movido no interior da oração-Q. O contraste que se segue é exemplificativo:

(13)a. De quem o João gosta é da Maria.

b. * De quem o João gosta é a Maria.

² A estas diferenças podemos ainda acrescentar um outra, originalmente notada por Ambar (1997), que diz respeito à necessidade de concordância temporal: embora as pseudoclivadas invertidas não exijam que haja concordância temporal entre a flexão do verbo 'ser' e a flexão verbal no interior da oração-Q, as pseudoclivadas básicas manifestam esta exigência:

(i) a. A telefonia é/foi o que o João estragou.
b. O que o João estragou *é/foi a telefonia.
Neste artigo, não temos uma explicação para este facto.

Considerando que, na análise proposta por Lobo, se assume que a relativa livre nestes exemplos é de natureza nominal (um DP, cf. (12b)), não se compreende bem por que razão a estrutura identificacional não admite um DP como predicado. Note-se que esta restrição não se verifica na pseudoclivada invertida:

- (14) a. O João é de quem a Maria gosta.
 b. É o João de quem a Maria gosta.

O terceiro problema reside no facto de haver evidência independente que coloca em causa a ideia de que a oração-Q em exemplos como os de (9) e (13a) é uma relativa livre. Mória (1996) mostra que, em português, as relativas livres em que há deslocação por movimento-Q de um sintagma preposicional não podem ocorrer em posição de sujeito. O paradigma seguinte é ilustrativo desta restrição que, tanto quanto pudemos apurar, é categórica e não admite exceções:

- (15) *Relativa livre em posição de sujeito* (Mória, 1996)
 a. Quem a Sara convidou para jantar veio tarde.
 b. *De quem eu estava à espera veio tarde.

O contraste entre (15a) e (15b) revela que o sintagma-Q das relativas livres em posição de sujeito não pode ser introduzido por preposição, facto que constitui um problema sério para a ideia de que a oração-Q em (9) e (13a) é uma relativa livre. Esta observação conduz-nos à conclusão de que a derivação de (9) e exemplos semelhantes, i.e., das pseudoclivadas básicas, não envolve uma relativa livre. Dado que não há razões para acreditar que a oração-Q das pseudoclivadas invertidas não é uma relativa livre, conclui-se que os dois tipos de pseudoclivada — básica e invertida — diferem entre si ainda mais radicalmente do que na proposta de Lobo (2005). Neste artigo, apresentamos uma proposta alternativa de análise das construções pseudoclivadas básicas. Relativamente às pseudoclivadas invertidas, adotamos a análise proposta por Lobo (2005).

2. As pseudoclivadas básicas enquanto questões autorrespondidas

Existem duas grandes linhas de abordagem do estatuto da oração-Q das construções pseudoclivadas na literatura de língua inglesa. Segundo alguns autores (Akmajan, 1979; Heggie, 1988; Declerck, 1988), a oração-Q é uma relativa livre em ambos os tipos de construção clivada. Outros (Faraci, 1970; Ross, 1972, 1999; Den Dikken, Meinunger &

Wilder, 2000) argumentam que a oração-Q é uma oração de tipo interrogativo (uma projeção de CP, portanto) sendo que construção pseudoclivada é uma pergunta autorrespondida: a estrutura copulativa estabelece uma relação entre duas orações, a oração interrogativa e a sua resposta. Nesta perspectiva, XP é o fragmento de uma resposta elíptica. Usando um exemplo concreto, a estrutura de (16a) será a indicada em (16b):

(16)a. De quem ele gosta é da Maria.

b. [_{CP} De quem ele gosta] é [_{CP} ele gosta da Maria]

(16b) corresponde ao *output* da Sintaxe. Depois, tudo o que é informação repetida é apagado na Forma Fonética (cf. (17)), como sucede em pares pergunta-resposta ((cf (18))³):

(17) [De quem ele gosta] é [~~ele gosta~~ da Maria]

(18)A: De quem é que ele gosta?

B: ~~Gosta~~ da Maria.

Esta análise tem a vantagem de captar naturalmente os efeitos de conectividade relativos ao licenciamento de itens de polaridade negativa. A representação do exemplo (6), aqui repetido como (19a), será a indicada em (19b).

(19)a. O que ele não faz é coisa nenhuma.

b. [O que ele não faz] é [~~ele não faz~~ coisa nenhuma]

Em (19b), a negação c-comanda o item de polaridade negativa na Sintaxe.

Um outro ponto em favor desta análise está em que oferece uma explicação simples para a necessidade de conformidade categorial entre XP e o constituinte-Q. Uma das características das respostas-fragmento em português é precisamente a necessidade de conformidade categorial:

(20) De quem é que o João não gosta? Da Maria. / *A Maria.

Finalmente, no que respeita ao terceiro problema mencionado acima, é possível demonstrar que as orações interrogativas introduzidas por um SP podem ocorrer na posição de sujeito (contrariamente ao que sucede com as orações relativas livres (cf. (15)). O exemplo (21) contém uma oração interrogativa como sujeito e os exemplos de (22) revelam que as interrogativas sujeito podem ser introduzidas por preposição:

(21) Se ela está bem ou não é uma incógnita.

(22)a. Com quem ela casou é um mistério.

³ Note-se que, em pares pergunta-resposta, a elipse é opcional, embora seja obrigatória na pseudoclivada. Neste artigo, não temos resposta para esta questão.

b. De quem ela está à espera é uma incógnita.

Verifica-se assim que a análise bi-oracional capta de forma simples e natural as propriedades distintivas das pseudoclivadas básicas mencionadas na secção anterior. Convém sublinhar, contudo, que assumimos que a representação bi-oracional é adequada apenas no caso das pseudoclivadas básicas. Como vimos, as pseudoclivadas invertidas não evidenciam efeitos de conectividade relativos a itens de polaridade negativa nem exigem conformidade categorial entre XP e o constituinte movido (cf. (7) e (14)). Estas duas observações são incompatíveis com a análise bi-oracional, pelo que consideramos que, para as pseudoclivadas invertidas, se justifica a manutenção da análise da oração-Q enquanto relativa livre. Com efeito, Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000) propõem que ambas as análises são necessárias: a estrutura bi-oracional aplica-se às pseudoclivadas básicas; nas pseudoclivadas invertidas, a oração-Q é uma relativa livre. Os dados do português aqui discutidos corroboram esta abordagem. Assim, assumiremos a análise bi-oracional apenas para as pseudoclivadas básicas. No que se refere às pseudoclivadas invertidas, adotamos, na sua essência, a análise de Lobo (2005): são estruturas equativas em que há identificação ao nível de DP. Assim, a estrutura de base de uma pseudoclivada invertida é a indicada em (23), em que a oração-Q corresponde a uma relativa livre.

(23) *ser* [_{SC} DP [DP [\emptyset] [_{CP} *oração-Q*]]]

Tomando como ponto de partida a observação de Hankamer (1974), de que as pseudoclivadas básicas são estruturas tópico-comentário, Den Dikken, Meinunger e Wilder (2000) sugerem que a sintaxe deste tipo de estruturas envolve uma projeção de um núcleo Top⁰ preenchido pelo verbo ‘ser’, com a oração-Q em Spec-TopP e o comentário em posição de complemento (cf. (24b)).

(24)a. De quem eu gosto é da Maria.

b. [_{TopP} [_{CP} de quem eu gosto] [_{TopP'} [_{Top} é] [_{IP} ~~eu gosto~~ da Maria]]]

Schlenker (2003), porém, considera que não é necessária a assunção de que a cópula tem aqui uma função especial e propõe antes que o seu valor é o da identidade. O autor apresenta uma caracterização semântica das perguntas baseada na teoria de Groenendijk e Stokhof (1982), segundo a qual a denotação de uma questão/pergunta Q num dado mundo é uma proposição (e não um conjunto de proposições, como defendido em Karttunen (1977) ou Hamblin (1973)), nomeadamente a intensão da única resposta exaustiva e verdadeira no mundo

em questão. Segundo Schlenker (2003), a cópula tem valor equativo e identifica a extensão da pergunta com a intensão da sua resposta. Nesta perspetiva, uma construção pseudoclivada básica é simplesmente uma estrutura equativa, identificacional. Atendendo a que não vemos necessidade de assumir a estrutura mais complexa proposta por Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000), adotamos aqui o tratamento semântico de Schlenker na nossa análise da pseudoclivada básica⁴. A cópula identifica duas expressões da categoria CP: a primeira oração é de tipo interrogativo e a segunda é uma resposta fragmento. Assim, a estrutura da frase (16a), por exemplo, é a apresentada em (16b). Deste modo, é possível manter que a cópula tem o mesmo valor em ambos os tipos de pseudoclivada. A diferença entre os dois está na categoria das expressões equacionadas: DP (na pseudoclivada invertida) ou CP (na pseudoclivada básica)⁵.

Apesar de a análise bi-oracional prever grande parte das propriedades distintivas das pseudoclivadas básicas, não está isenta de problemas. Estes serão examinados na próxima secção.

3. Problemas

Uma primeira questão colocada pela hipótese de a oração-Q ser uma oração de tipo interrogativo é saber se a estratégia ‘é que’ típica das orações interrogativas está disponível numa pseudoclivada⁶.

(25) a. ??/*De quem é que ele gosta é da Maria.

b. *De quem é que ele gostava era da Maria.

Comparem-se agora estes exemplos com construções em que o sujeito é inquestionavelmente uma oração interrogativa (recorde-se que uma oração relativa livre não pode ocorrer em posição de sujeito, portanto, no exemplo que se segue, a oração sujeito não pode ser uma relativa livre):

(26) a. De quem é que ele gosta é uma incógnita.

b. De quem é que ele gostava era uma incógnita.

⁴ Schlenker (2003) não estabelece uma distinção entre a pseudoclivada básica e a invertida assumindo que, em ambos os casos, a oração-Q é uma relativa livre que é interpretada como uma interrogativa encoberta. Modesto (2003) apresenta uma análise muito semelhante para o português. Em face das diferenças aqui identificadas entre os dois tipos de pseudoclivada não adotamos este ponto de vista.

⁵ Um revisor anónimo coloca a questão da ausência de força ilocutória interrogativa na pseudoclivada. Contudo, as orações interrogativas com função de sujeito exemplificadas em (22) também não possuem força ilocutória. Em nosso entender, a força ilocutória é uma propriedade das frases raiz apenas e não deve ser confundida com a noção de ‘tipo’ de frase (que se aplica quer a orações subordinadas quer a frases raiz).

Os exemplos de (26) são melhores do que os de (25), o que constitui um problema.

Uma segunda objeção diz respeito à ausência de interrogativas globais. Uma interrogativa global pode ocorrer sem qualquer dificuldade em posição de sujeito (cf. (21)); contudo, é impossível construir uma pseudoclivada com uma interrogativa total:

(27) *Se a Maria vem ou não é que vem.

Para além deste problema, verifica-se ainda que há casos em que a forma do Sintagma-Q não tem paralelo numa oração interrogativa. Assim, ‘o que’ pode ocorrer em construção com ‘estar’ numa pseudoclivada (cf. (28)), mas não numa oração interrogativa (cf. (29a-30a)), em que a forma ‘como’ é a única possibilidade (cf. (29b-30b)). Note-se que, com o verbo ‘ser’, esta restrição não se aplica (cf. (29c-30c)):

(28) O que a Maria está é cansada.

(29) a. A: *O que é que tu estás? B: Cansada.

b. Como é que tu estás?

c. O que é que tu és?

(30) a. *O que ela está é uma incógnita.

b. Como ela está é uma incógnita.

c. O que ela é é uma incógnita.

O contraste entre (28) e (29a-30a) é, assim, um verdadeiro problema para a análise bi-oracional. Incidentalmente, a hipótese de que a oração-Q é uma relativa livre não resolve o problema dado que também não há relativas livres em que o sintagma ‘o que’ ocorra em combinação com ‘estar’:

(31) a. *Eu estou o que tu estás.

b. Eu estou como tu estás.

c. Eu sou o que tu és.

Deste modo, chegamos a um impasse: por um lado, a análise bi-oracional capta de forma natural os efeitos de conectividade relativos a itens de polaridade negativa, a possibilidade de a oração-Q ser introduzida por preposição e ainda a obrigatoriedade de conformidade categorial entre o constituinte-Q movido e o XP focalizado; por outro, a oração-Q não exhibe exatamente as mesmas propriedades formais das orações de tipo interrogativo.

4. Uma proposta de solução

Embora o exemplo (29a) não seja aceitável enquanto interrogativa genuína, parece-nos perfeitamente admissível enquanto interrogativa-eco.

(32)A: Estou muito cansada.

a. B: O que é que tu estás??!!

b. Tu estás o quê??!!

Este paralelismo entre as interrogativas-eco e as pseudoclivadas sugere uma solução para o impasse a que chegámos na secção anterior. Uma vez que as construções pseudoclivadas pressupõem conhecimento, por parte do locutor, do valor da variável, faz todo o sentido pensar que a oração-Q é, na realidade, uma subespécie das interrogativas-eco, que também são sempre construídas a partir de informação dada. Neste artigo, assumimos a análise das interrogativas-eco apresentada em Artstein (2002), cujo ingrediente essencial é a ideia de que a interpretação interrogativa destas construções é obtida a partir da semântica do Foco. A seguir descrevemos as principais características das interrogativas-eco e a análise proposta por Artstein (2002).

4.1 As interrogativas-eco

As interrogativas-eco possuem as seguintes propriedades: (i) estão relacionadas com uma elocução anterior com a qual se assemelham na forma e no significado; (ii) informam o interlocutor de que o locutor não percebeu bem parte dessa elocução ou se recusa a aceitá-la; (iii) têm uma curva entoacional particular. No caso do inglês (cf. Artstein, 2002), esta consiste num acento tonal ascendente (L+H*) e num tom fronteira ascendente (HH%).

As interrogativas-eco podem ou não conter um sintagma-Q. O primeiro caso abrange duas subclasses: as interrogativas-eco que envolvem movimento do sintagma-Q (cf. (32a)) e as que recorrem à estratégia *in situ* (cf. (32b)). Em ambas as situações, o sintagma-Q é marcado com um acento tonal.

Nos exemplos que se seguem, a interrogativa-eco não contém um sintagma-Q:

(33)A: Dei uma prenda à Maria.

B: Deste uma prenda à Maria??!

Em línguas como o inglês, as interrogativas-eco sem sintagma-Q distinguem-se das interrogativas globais genuínas por evidenciarem a mesma sintaxe das orações declarativas, sem inversão do auxiliar (cf. (34)). Nestas construções, o acento tonal recai sempre sobre uma

parte da frase (um sintagma, palavra ou parte de palavra), que corresponde à parte do conteúdo da elocução anterior que é colocada em causa por parte do locutor. Artstein (2002) cita os seguintes exemplos:

(34) A: I gave flowers to George.

B. You gave FLOWERS to George?

Segundo o autor, a função destas elocuições é semelhante à das interrogativas-eco com uma sintagma-Q. Tal como estas, questionam ou colocam em causa uma parte do conteúdo da elocução anterior. A diferença entre os dois subtipos está em que uma interrogativa eco com um sintagma-Q pode indicar que o locutor não percebeu bem parte da elocução ecoada; numa interrogativa do tipo de (34), tal não é, obviamente possível: o conteúdo proposicional da frase no seu todo é assumido como sendo informação dada e a elocução exprime surpresa ou descrença acerca de uma parte particular da proposição, que corresponde ao constituinte marcado com acento tonal. Artstein (2002) usa o termo ‘interrogativa-eco não-Q’ para designar as interrogativas-eco do tipo de (34) porque discorda da ideia de que estas elocuições são interrogativas globais, isto é, interrogativas que incidem sobre o valor de verdade de uma proposição. Embora, em seu entender, ‘sim’ seja uma resposta apropriada a uma interrogativa deste tipo, um simples ‘não’ é muito estranho como resposta. Na sua opinião, o que se espera do interlocutor, de facto, é que clarifique o que tencionou dizer. Artstein conclui assim que uma interrogativa-eco não-Q é mais do que um pedido de informação acerca do valor de verdade de uma proposição: é um pedido de informação acerca das alternativas possíveis à proposição em causa. Por conseguinte, o autor propõe que as interrogativas eco com ou sem um sintagma-Q possuem a mesma denotação: um conjunto de alternativas possíveis, obtido através da semântica da marcação de foco.

Na perspetiva de Artstein, a interpretação interrogativa de uma interrogativa-eco não-Q é construída a partir da semântica do foco. É geralmente assumido que o foco divide a frase em ‘informação dada’ e ‘informação nova’ e que esse processo envolve a substituição do constituinte focalizado por uma variável (Jackendoff, 1972; Rooth, 1985). Artstein adota a perspetiva de Schwarzschild (1999) segundo a qual um constituinte é informação dada se, depois da substituição de todos os constituintes focalizados por variáveis e da sua subsequente ligação a um operador existencial, a proposição resultante é implicada pelo discurso anterior. Numa interrogativa eco, todo o conteúdo proposicional (incluindo a parte que está a ser posta

em causa) é informação dada. Contudo, ao marcar uma parte da frase como foco (note-se que mesmo nas interrogativas-Q eco o sintagma-Q é marcado com acento tonal), o locutor indica que a toma como não tendo sido dada no discurso anterior e que, portanto, a põe em causa ou se recusa a aceitá-la. Para Artstein, o significado interrogativo é alcançado inferencialmente. Dado que a proposição expressa pelo eco não contém informação nova e o eco assinala que o locutor toma parte dela como não tendo sido dada, o interlocutor infere que o falante questiona essa informação.

O tratamento semântico das interrogativas-eco (com ou sem sintagma-Q) proposto por Artstein é formalizado a partir da teoria do foco de Rooth (1985). Segundo este autor, o contributo semântico do foco entoacional é a introdução de um conjunto de alternativas possíveis $[[.]]^f$. Assim, na frase declarativa *John gave FLOWERS to Mary*, o acento em *flowers* assinala que está a ser considerado o conjunto das proposições que podem ser obtidas substituindo *flowers* por uma variável, i.e.. o conjunto de proposições do tipo “o João deu x à Maria” (em que cada proposição alternativa é o resultado da substituição da variável x por um indivíduo do domínio do discurso). Aplicando este modelo às interrogativas-eco, com ou sem sintagma-Q, Artstein sugere que a denotação interrogativa de uma elocução-eco é o seu conjunto de proposições alternativas $[[.]]^f$. Assim, a componente interrogativa do significado da elocução-eco de (34) e de (35) é a mesma, i.e., é o conjunto de proposições em (36):

(35) A: I gave flowers to George.

B: You gave WHAT to George?

(36) A gave flowers to George

A gave chocolate to George

A gave flowers and chocolate to George

...

O conjunto em (36) é equivalente ao que corresponde à denotação da oração interrogativa (genuína) ‘What did you give to George?’ de acordo com a proposta de Hamblin (1973), ou à partição de mundos possíveis induzida pela intensão da mesma oração interrogativa, na análise de Groenendijk and Stokhof (1984) (cf. a discussão da próxima secção). Para Artstein, a diferença é de ordem pragmática: uma interrogativa genuína é um pedido de informação acerca da proposição verdadeira; uma interrogativa eco é um pedido de informação acerca de uma proposição dada.

Sintetizando o essencial da proposta de Artstein: numa interrogativa eco a semântica do foco é a estratégia usada para chegar à interpretação interrogativa.

4.2 As pseudoclivadas básicas revisitadas

No início desta secção, sugerimos que a oração-Q das pseudoclivadas tem propriedades formais em comum com as interrogativas-Q eco. Do ponto de vista semântico, em ambos os casos, o valor da variável é tido como dado por parte do locutor. Tendo examinado a semântica das interrogativas-eco, parece-nos evidente que a estratégia de foco é o denominador comum entre os dois tipos de construção. Assumindo, como defendido na secção 2, que a oração Q é um constituinte da categoria CP em que há movimento-Q, esta estrutura terá basicamente a sintaxe de uma interrogativa-eco com movimento-Q. A seguir, apresentamos a estrutura proposta para o exemplo (37a):

(37) a. Com quem o Pedro falou foi com a Maria.

b. [[Com quem]_i [o Pedro falou t_i]] foi [~~o Pedro falou~~ com a Maria].

Na Forma Lógica, a relação operador-variável criada pelo movimento-Q é traduzida pela fórmula λx [o Pedro falou com x], que corresponde ao valor semântico de uma questão/pergunta; o segundo termo fornece a resposta elíptica à questão colocada. Como vimos, Schlenker (2003) propõe que a cópula nas construções pseudoclivadas tem o valor de identidade, o que coloca um problema de não concordância de tipo entre os dois termos da construção copulativa se assumirmos que a denotação de uma pergunta é um conjunto de proposições: um conjunto de proposições não pode ser identificado com uma proposição. A solução sugerida pelo autor consiste em adotar a teoria semântica das interrogativas de Groenendijk and Stokhof (1982, 1984), de acordo com a qual a extensão de uma questão/pergunta Q num dado mundo é uma proposição, nomeadamente a única resposta exaustiva verdadeira a Q no mundo em questão. Assim, a cópula identifica a extensão de uma questão com a intensão da sua resposta.

Aqui, seguimos a proposta de Schlenker (2003), com a seguinte clarificação. No modelo de Groenendijk e Stokhof (1984), as questões/perguntas são tomadas como partições do conjunto dos mundos possíveis (ou índices). Cada elemento dessa partição, um conjunto de índices (ou mundos), representa uma proposição, uma resposta semântica possível à questão/pergunta. As respostas semânticas possíveis a uma interrogativa-Q do tipo ‘quem é G’ são as proposições que especificam exaustivamente quais são os objetos que têm a

propriedade G num dado mundo. Os conjuntos de mundos/índices que representam as respostas semânticas possíveis formam uma partição do conjunto total dos mundos possíveis. Essa partição é a intensão de uma questão/pergunta. A sua extensão num dado mundo é uma proposição. Assim, mesmo adotando a teoria de Groenendijk e Stokhof (1984), somos levados a concluir que a introdução de uma questão/pergunta como sujeito da pseudoclivada leva necessariamente à consideração do conjunto de alternativas $[[.]]^f$ á proposição expressa no segundo termo da construção equativa. Daí a interpretação de foco associada à construção.

A hipótese de que a oração-Q da pseudoclivada básica é uma interrogativa-eco tem a capacidade de contribuir para o esclarecimento da ausência de interrogativas globais nestas construções. Recorde-se que Artstein (2002) defende que as interrogativas-eco não-Q não são interrogativas globais e exigem sempre a marcação de Foco de uma parte da frase (uma palavra, sintagma ou parte de palavra). Para o autor, a denotação de uma interrogativa-eco não-Q é idêntica à de uma interrogativa-Q. Se isso é verdade, e se é verdade que a oração-Q na construção pseudoclivada não é uma interrogativa genuína, mas sim uma interrogativa-eco, é possível relacionar a não existência de interrogativas-eco globais com a ausência de interrogativas globais em pseudoclivadas.

Como vimos, a função da marcação de Foco numa interrogativa-eco não-Q traduz-se na substituição do constituinte marcado com acento tonal por uma variável ligada a um operador lambda, na Forma Lógica. A fórmula daí resultante corresponde ao conjunto de alternativas $[[.]]^f$. Parece evidente que a estratégia de foco entoacional *in situ* não é uma hipótese viável numa construção pseudoclivada: o valor da variável estaria a ser fornecido no primeiro termo da construção equativa para depois ser de novo introduzido, o que não seria informativo.

Porém, gostaríamos de sugerir aqui que o português tem uma forma de derivar correlatos das interrogativas-eco não-Q em construções especificativas e que essas derivações se concretizam nas chamadas semi-pseudoclivadas, que se ilustram a seguir:

- (38)a. O João falou foi com o Pedro.
 b. O Pedro chegou foi tarde.
 c. O Carlos está é contente.
 d. O Carlos está é a nadar.

Neste tipo de construção clivada o constituinte à direita da cópula corresponde à

lacuna contida na oração que precede a cópula e pode pertencer a qualquer categoria, tal como descrito em Costa e Duarte (2001).

As semi-pseudoclivadas evidenciam efeitos de conectividade relativos a itens de polaridade negativa (cf. (39a)) e exigem conformidade categorial entre o constituinte à direita da cópula e a lacuna (cf. (39b)):

(39)a. O João não disse foi coisa nenhuma.

b. *O João falou foi o Pedro.

Estas duas propriedades aproximam a semi-pseudoclivada das pseudoclivadas básicas. Costa e Duarte (2001), porém, argumentam que uma não é derivada da outra. Com efeito, o seguinte exemplo mostra que não há uma total equivalência entre a pseudoclivada e a semi-pseudoclivada:

(40)a. O que o João fez foi bater com a porta.

b. *O João fez foi bater com a porta.

Na perspectiva de Costa e Duarte (2001) a existência de semi-pseudoclivadas está relacionada com o facto de o português admitir complementos nulos. Contudo, em nossa opinião, o foco da clivada pode ser um adjunto (cf. (38b)) ou mesmo um sujeito (cf. (41)), o que é um sério obstáculo à hipótese do complemento nulo:

(41)A: O Carlos ajudou muito o Pedro na mudança de casa.

B: Não, não, ajudou-o foi a Maria.

No contexto da atual discussão, uma possibilidade de análise desta construção é considerar que a sua derivação envolve uma estratégia semelhante à das interrogativas-eco não-Q. Assumindo que o traço [F] é um traço abstrato, sintático, então a sintaxe da frase (38a) seria como indicado em (42):

(42)O João falou [com a Maria_F] foi [o João falou com a Maria].

Suponhamos agora que, em SPELL OUT, há apagamento do material redundante. No primeiro termo da construção copulativa, é apagada a matriz fonética do constituinte marcado com F. No segundo termo da construção copulativa, o processo é idêntico ao verificado numa pseudoclivada básica, com apagamento da matriz fonética do material que constitui informação dada:

(43)O João falou [~~com a Maria~~_F] foi [~~o João falou~~ com a Maria].

Em Forma Lógica, o traço F de (42) é interpretado como uma instrução para

substituir o SN por uma variável ligada a um operador lambda:

(44) λx [O João falou com x]

(44) é a mesma Forma Lógica de uma interrogativa-eco não-Q na proposta de Artstein (2002), i.e., denota um conjunto de proposições ou, no quadro da teoria de Groenendijk e Stokhof (1984), equivale a uma partição do conjunto dos mundos possíveis, cuja extensão é identificada com a proposição “O João falou com a Maria” expressa no segundo termo da construção copulativa. Deste ponto de vista, a semi-pseudoclivada distinguir-se-á da pseudoclivada básica pelo facto de recorrer à marcação de Foco e não ao movimento-Q.

Esta hipótese ajudaria a explicar o contraste verificado em (40). A derivação da oração à esquerda da cópula do exemplo (40b) teria de ser construída a partir da configuração de base em (45). Contudo, tal configuração não é possível em português.

(45) *O João fez falar com a Maria.

5. Conclusões

Neste artigo, defendemos que as pseudoclivadas básicas têm uma derivação radicalmente distinta da das pseudoclivadas invertidas, como proposto por Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000). As segundas põem em relação duas expressões da categoria DP sendo que o DP que introduz a variável é uma relativa livre. As primeiras relacionam duas expressões da categoria CP. Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000) sugerem uma estrutura para as pseudoclivadas básicas que assenta na hipótese de que a cópula é uma realização do núcleo Top. Neste ponto, divergimos destes autores e adotámos a sugestão de Schlenker (2003) de acordo com a qual a cópula tem aqui o valor de identidade. Deste modo, é possível manter uma estrutura comum para os dois tipos de pseudoclivada: ambas serão estruturas identificacionais e o que varia é a categoria sintática das expressões equacionadas (DP vs. CP). Seguindo a sugestão de Schlenker (2003), propusemos que, no caso das pseudoclivadas básicas, é equacionada a extensão de uma questão/pergunta com a intensão da sua resposta.

Tendo identificado algumas propriedades formais da oração-Q que se verificam apenas em interrogativas-eco, propusemos que a oração-Q é uma subespécie de interrogativa-Q eco com movimento na Sintaxe. Nesta perspectiva, a impossibilidade de a oração interrogativa ser uma interrogativa global relaciona-se com a inexistência de interrogativas-eco globais, como argumentado em Artstein (2002). Este autor propõe que as interrogativas-

eco não Q envolvem sempre a focalização de uma parte da frase e que a interpretação de questão/pergunta é construída a partir da estratégia do Foco. A nossa proposta aqui foi alargar esta ideia às semi-pseudoclivadas, com a diferença de que, neste caso, o constituinte marcado com F é apagado na Forma Fonética por ser idêntico ao foco do segundo termo da construção equativa. A componente interpretativa da gramática trata o traço [F] como em todos os outros casos, construindo um conjunto de alternativas $[[.]]^f$, que é equivalente ao valor semântico de uma questão/pergunta, cuja extensão é identificada com a proposição expressa no segundo termo da construção equativa.

Esta conceção da semi-pseudoclivada levanta a questão de saber por que razão a estratégia de apagamento na Forma Fonética do constituinte marcado com o traço [F] é apenas utilizada em algumas línguas. Não é admitida em inglês, por exemplo, e, no quadro das línguas românicas, ocorre apenas em português e no espanhol das Caraíbas. Idealmente, deveria haver uma explicação de princípio para esta variação interlinguística. Deixamos essa questão para trabalho futuro.

Referências

- Akmajian, A. (1979) *Aspects of the Grammar of Focus in English*. New York: Garland.
- Ambar, M. (1997) *The Syntax of Focus in Portuguese - a unified approach*, ms. Universidade de Lisboa.
- Artstein, R. (2002) A focus semantics for echo questions. In, Agnes Bende-Farkas and Arndt Riester (eds.), *Workshop on Information Structure in Context*, pp. 98–107. IMS, University of Stuttgart.
- Brito, A. M. (1988) *A sintaxe das orações relativas em português. Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.
- Costa, J.; Duarte, I. (2001) Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri, pp. 627-638.
- Declerck, R. (1988) *Studies on Copular Sentences, Clefts and Pseudoclefts*. Leuven: Leuven University Press / Foris Publications.
- Den D.; Marcel, A. M.; Wilder, C. (2000) Pseudoclefts and ellipsis. *Studia Linguistica* 54: 41-

89.

- Den Dikken, M. (2006) Specificational copular sentences and pseudoclefts. *The Blackwell companion to syntax*, Martin Everaert e Henk van Riemsdijk (orgs.), Vol. IV.61, pp. 292-409. Oxford, UK:Blackwell Publishers.
- Faraci, R. (1971) On the deep question of pseudo-clefts. *English Linguistics* 6:48-65.
- Groenendijk, J.; Stokhof, M. (1982) Semantic analysis of *wh*-complements. *Linguistics and Philosophy* 5(2): 75–233.
- Groenendijk, J.; Stokhof, M. (1984). On the semantics of questions and the pragmatics of answers. In Fred Landman and Frank Veltman (orgs.), *Varieties of Formal Semantics*, vol. 3 of *Groningen-Amsterdam Studies in Semantics (GRASS)*, pp. 143–170. Dordrecht: Foris.
- Hankamer, J. (1974) On the Non-cyclic Nature of *Wh*-Clefting. *Papers from the Tenth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. M. W. La Galay et. al. (orgs.), 221-233. Chicago: Chicago Linguistic society.
- Heggie, L. A. (1988) The Syntax of copular structures. PhD dissertation. Los Angeles, University of Southern California.
- Hamblin, C. L. (1973) 'Questions in Montague English', *Foundations of Language* 10, 41-53.
- Jackendoff, R. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Karttunen, L. (1977) The Syntax and Semantics of Questions, *Linguistics and Philosophy* 1: 3–44.
- Lobo, M. (2005) Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base. *Textos seleccionados do XXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 457-474. Lisboa: APL/Colibri.
- Modesto, M. (2003) A Interpretação das Sentenças Clivadas. *Semântica Formal*, Ana Müller, Esmeralda Negrão e Maria José Foltran (orgs.), 189-204. S. Paulo: Editora Contexto.
- Móia, T. (1996) A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do português. *Quatro Estudos sobre Sintaxe do Português*. Anabela Gonçalves, Madalena Colaço, Matilde Miguel e Telmo Móia (orgs.), pp. 149-188. Lisboa: Edições Colibri.
- Rooth, M. (1985). *Association with Focus*. Ph.D. thesis, University of Massachusetts, Amherst.
- Ross, J. R. (1972) Act. *Semantics of Natural Language*. Donald Davidson e Gilbert Harman (orgs.), 70-126. Dordrecht: Reidel.

- Schlenker, P. (2003) Clausal Equations (A note on the Connectivity problem). *Natural Language and Linguistic Theory* 21: 157-214.
- Schwarzschild, R. (1999) GIVENness, avoid F and other constraints on the placement of accent. *Natural Language Semantics* 7(2): 141–177.